

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: UM ERRO DE CISÃO

Mateus dos Santos Barros

RESUMO

O presente artigo trata de debater dois conceitos que têm sido confundidos com grande frequência. Apresentar de forma sucinta a conceitualização de alfabetização e letramento, como também, explicar como os dois termos devem ser trabalhados e ainda, trazer o porquê de não se trabalhar os conceitos separadamente. É um trabalho investigativo de base teórica para abordar os conceitos de letramento e alfabetização, trazendo ideias e conceitos de autores renomados como Magda Soares, Lev Vygotsky, Paulo Freire etc., com o intuito de esclarecer a prática pedagógica de alfabetização em um contexto que coexista com o letramento. Além disto, traz dados que mostram os impactos que tem surgidos devido a não coexistência no ensino dos dois conceitos. A ideia é traçar os efeitos que tem tido no país tendo em vista a má abordagem teórica-prática dos termos trabalhados.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização, letramento, aliança.

RESUMEN

El presente artículo trabaja en discutir acerca de dos conceptos que se han confundido frecuentemente. Enseñar de forma clara el concepto de alfabetización y letramento, aún, aclarar cómo los dos términos deben ser trabajados y, de la misma forma, traer por qué no debemos abordar los conceptos de forma apartadas. Es un trabajo de pesquisa con base teórica para abordar los conceptos de letramento y alfabetización, trayendo ideas y conceptos de autores renombrados como Magda Soares, Lev Vygotsky, Paulo Freire etc., con la intención de dejar claro la práctica pedagógica de la alfabetización en un contexto que coexista con el letramento. Además de eso, trae datos que muestran los hechos que han surgido por medio de la no participación de los términos en el proceso de educación. La idea es trazar los efectos que han tenido en el país teniendo en cuenta el malo enfoque metodológico de los conceptos trabajados.

PALABRAS CLAVE: Alfabetización, letramento, alianza.

Introdução

Sabemos da importância de uma educação de qualidade na base inicial da aprendizagem dos cidadãos. E esta qualidade está alicerçada com o processo de alfabetização e letramento nas escolas. Entretanto, tem-se percebido a defasagem e a falta de um processo de alfabetização que forme desde as primeiras séries pessoas capazes de interagir com o mundo (MARTINS e SPECHELA, 2012).

Segundo, Martins e Spechela, a escola tem corroborado para uma formação precária dos cidadãos, assim “a realidade é que as escolas brasileiras, de modo geral, formam alunos que mal conseguem ler e escrever, que não sabem ao menos interpretar e produzir pequenos textos.” (MARTINS e SPECHELA, 2012, p. 2)

Nesse sentido, entende-se que a defasagem da alfabetização na educação primária é o âmago para a má formação dos alunos que, em porcentagem grande, saem inaptos a exercer determinada competência, como ler e interpretar discursos. Isso se dá, basicamente, devido a não descentralização do ato de alfabetizar e o conceito de letramento. Conceitos que devem estar descentralizados e trabalhados em conjunto.

Estes conceitos abordados de forma separada têm trazido consequências significativas para o desenvolvimento social, econômico e macro político do Brasil. Consequências estas como defasagem intelectual dos indivíduos, com taxas emergentes acerca do analfabetismo funcional ou ele em si só. Como a apresenta Martins e Spechela, “as taxas de analfabetismo funcional apresentam um índice muito alto em todos os estados brasileiros. A maior porcentagem de analfabetos funcionais encontra-se na região Nordeste. Porém, o Sul e o Sudeste também apresentam taxas significativas.” (MARTINS e SPECHELA, 2012, p. 2)

Por isto é preciso compreender que alfabetização e letramento são práticas distintas, porém, indissociáveis, interdependentes e simultâneas. No entanto, a falta de compreensão destes termos gera grande confusão em seu uso teórico e prático, levando à perda da especificidade destas (SOARES, 2003).

Para que o país possa alfabetizar aos estudantes em um contexto de letramento é necessário que os educadores tenham conhecimentos claros acerca do processo de alfabetização e letramento, pois são eles, professores, os responsáveis por aplicar tais teorias em prática. Um compromisso de tomadas de decisões para a qualidade do ensino, decisões essas que devem visar sempre a adaptação do educando ao contexto social e escolar cujo está inserido (MARTINS e SPECHELA, 2012.).

Neste artigo explanaremos os conceitos de Alfabetização e Letramento, como também a importância de não haver cisão entre os termos para que tenhamos uma educação de qualidade e reduzamos os índices alarmantes do analfabetismo no país.

Alfabetização

A alfabetização nada mais é do que a aquisição do indivíduo do sistema de escrita de sua língua, como saber ler e escrever esse sistema. E está relacionado basicamente com a escola (MARCUSCHI, 2001).

Nesse sentido, segundo Soares (2003, p. 16), a alfabetização deve ser “entendida como processo de aquisição e apropriação do sistema da escrita, alfabético e ortográfico”, ou seja, a especialidade da alfabetização é, segundo Diogo e Gorette (2011, p. 12193), “a aquisição do código alfabético e ortográfico, através do desenvolvimento das habilidades de leitura e de escrita”.

Posto assim, o cidadão alfabetizado está apto para codificar e decodificar o sistema da escrita, como também está apto para desenvolver os variados métodos da aprendizagem da língua.

O¹ Diferença, fazendo referência a Magda, diferencia letramento e alfabetização da seguinte forma,

de acordo com Magda Soares, a diferença está no domínio que o sujeito tem sobre a leitura e escrita. O sujeito alfabetizado sabe ler e escrever, porém pode estar pouco habituado a usar essas habilidades no seu cotidiano (DIFERENÇA, s.d.).

No mesmo sentido, Val (2006), afirma de forma mais ampla e com um sentido mais Freiriano (conhecimento como autonomia) que

pode-se definir alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem **ao aluno ler e escrever com autonomia**. Noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita. (VAL, 2006, p. 19 *apud* MARTINS e SPECHELA, 2012, p.5).
(grifos nosso)

Para trabalhar-se a alfabetização de forma que coexista o letramento é necessário que o educador, como já dito antes, tenha sempre em mente que os indivíduos não são

¹ Site de internet que aborda variados assuntos. Disponível em: <<https://www.diferenca.com/alfabetizacao-e-letramento/>>. Acesso em: 27 maio 2018.

passivos, ou melhor, uma tábua rasa a ser preenchida (VYGOTSKY, 1984). O aluno já chega à escola com um processo elevado de letramento e deve ser explorado pelo professor. Pois somente assim é possível chegar a uma alfabetização libertadora e crítica. Como afirmam Martins e Spechela (2012),

É necessário utilizar um método, porém não se pode definir um como o melhor, ou mesmo único, pois o que pode ser bom para aprendizagem de uma criança pode ser ruim para outra, lembrando que quando se utiliza um método e ele não traz bons resultados, deve-se partir para outro. (MARTINS e SPECHELA, 2012, p.6).

Deve-se, assim, trabalhar a alfabetização de forma exploratória do mundo cujo estamos rodeados, não simplesmente ensinar ao estudante os elementos lingüísticos de forma rasa e crua. Ou seja, ao inserir o estudante no ambiente escolar é necessário resgatar elementos sociais já experimentados por ele antes mesmo de ir à escola. Esta é uma mediação propicia para a formação crítica do educando. Pois como afirmam Pisoni e Coelho (2012) e fazendo referência a Lev Vygotsky (1984),

a criança inicia seu aprendizado muito antes de chegar à escola, mas o aprendizado escolar vai introduzir elementos novos no seu desenvolvimento. A aprendizagem é um processo contínuo e a educação é caracterizada por saltos qualitativos de um nível de aprendizagem a outro, daí a importância das relações sociais. (PISONI e COELHO, 2012, p. 148).

Ainda,

A escola deve estar atenta ao aluno, valorizar seus conhecimentos prévios, trabalhar a partir deles, estimular as potencialidades dando a possibilidade de este aluno superar suas capacidades e ir além ao seu desenvolvimento e aprendizado. Para que o professor possa fazer um bom trabalho ele precisa conhecer seu aluno, suas descobertas, hipóteses, crenças, opiniões desenvolvendo diálogo criando situações onde o aluno possa expor aquilo que sabe. Assim os registros, as observações são fundamentais tanto para o planejamento e objetivos quanto para a avaliação. (PISONI e COELHO, 2012, p. 150).

Em resumo, a alfabetização é um processo que possibilita ao cidadão apenas a identificar o sistema de escrita e saber usá-lo. Ou seja, têm-se capacidades reduzidas do mundo, pois esse somente aprende a aquisição do sistema da escrita, não sendo letrado com uma visão ampla do mundo. Por isso é essencial compreender os conceitos para que não tenha uma mistura entre os mesmos, entendidos na maioria como um só conceito.

E sem dúvida, é de suma valia que o processo de alfabetização coexista a um contexto de letramento, para que o aluno conheça os códigos linguísticos e ao mesmo tempo o possa interpretar de forma que atinja uma interpretação satisfatória do mundo em que existe. E para que este processo de coexistência possa ser abordado, o conhecimento das especificidades dos conceitos de alfabetização e letramento devem estar esclarecidos para o educador. Como argumenta Carvalho (2008),

Quem se propõe a alfabetizar baseado ou não no construtivismo, deve ter um conhecimento básico sobre os princípios teórico-metodológico da alfabetização, para não ter que inventar a roda. Já não se espera que um método milagroso seja plenamente eficaz para todos. Tal receita não existe. (CARVALHO, 2008, p. 17, *apud* MARTINS e SPECHELA, p. 7).

Letramento

Enquanto a alfabetização desenvolve domínio da leitura e escrita, o letramento se responsabiliza em dar ao cidadão a capacidade social de ler e escrever, ou seja, é a possibilidade que o indivíduo possui, depois de haver se familiarizado com a escrita e a leitura, de exercer e desenvolver o uso nos diversos contextos, sendo que o indivíduo letrado se relaciona de forma coesa com o processo histórico e social da leitura em contextos formais e informais.

Neste mesmo sentido, argumenta Tfouni (1995, *apud* ALMEIDA e FARAGO, p. 209) sobre o letramento que: “enquanto a alfabetização ocupa-se da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupos de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”.

Assim sendo, o letramento é uma forma de aprendizagem para usos utilitários, ou seja, para estabelecer uma conexão com a sociedade, é dizer, se compreender. Como Diogo e Gorette (2011, p. 12197) afirmam, “o letramento se torna uma forma de entender a si e aos outros, desenvolvendo a capacidade de questionar com fundamento e discernimento, intervindo no mundo e combatendo situações de opressão”.

Podemos perceber, neste sentido, que o letramento é responsável por nos possibilitar as práticas sociais. Mesmo que uma pessoa não seja alfabetizada, em muitos sentidos ela é letrada, pois sabemos, e já citado, que vivemos em um ambiente de letramento de forma constante e diária. Só o fato de uma pessoa conseguir pegar um ônibus, fazer cálculos, viajar, comprar alimentos já é o indicador de uma pessoa letrada, sim, mesmo ela não sabendo o que está escrito nas embalagens etc. No entanto, quanto ao letramento escolar, aquele responsável por nos capacitar criticamente e em discernimento, como abordado por Diogo e Gorette (2012), somente a prática de

letramento escolar é possível nos proporcionar, mesmo que ainda tenha tido tímidos êxitos. Argumentamos que enquanto o primeiro é um letramento social, o segundo é um letramento ambientalizado escolarmente.

Assim sendo, o letramento escolar é um ensino de cunho político, responsável por proporcionar conhecimentos sócio-históricos e de leitura do mundo. Como afirma Tfouni, “enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de uma sociedade” (TFOUNI, 1995, p. 20 *apud* COLLELO, *apud* ARAÚJO, CARVALHO e SOARES, 2013, p. 7).

Um erro de cisão

Magda Soares (2003) afirma,

A alfabetização, como processo de aquisição do sistema convencional de uma escrita alfabética e ortográfica, foi, assim, de certa forma obscurecida pelo letramento, porque este acabou por freqüentemente prevalecer sobre aquela, que, como consequência, perde sua especificidade (SOARES, 2003, p. 11).

O que se pretende analisar com esta afirmação é o desconhecimento que se tem sobre o letramento e a alfabetização, o que tem sido trabalhado dicotomicamente (cisão) como processos independentes um do outro.

Desse modo, o erro de fazer uma cisão entre o letramento e a alfabetização se dá pelo fato que os dois estão estritamente interligados, mas é preciso não privilegiar um ou outro processo, pois como dito anteriormente, são termos “indissociáveis e simultâneos”.

Assim, Soares (2003, p.11) afirma que,

o que parece estar ocorrendo atualmente é que a percepção que se começa a ter, de que, se as crianças estão sendo, de certa forma, letradas na escola, não estão sendo alfabetizadas, parece estar conduzindo à solução de um retorno à alfabetização como processo autônomo, independente do letramento e anterior a ele.

Explicitada a especificidade de cada termo, é possível chegar a um método adequado de ensino, assim, conciliando os conceitos e fazendo uma prática de ensino reflexiva e de aliança. O método utilizado pelo educador é de essencial importância, pois reconhecendo a capacidade prévia da criança de fazer perguntas, pode usá-la como uma forma de alfabetizá-la e ao mesmo tempo letrá-la, é dizer, ensinar o sistema de

escrita aos seus alunos e ao mesmo tempo fazê-los compreender para que serve tal sistema.

Nesse sentido, em suas considerações finais Diogo e Gorette (2011, p. 12198) afirmam que “as atividades devem promover tanto a alfabetização como o letramento, de maneira, que o ensino do código alfabético seja conciliado com o seu uso social em diferentes ocasiões”.

Ainda, pode-se perceber a complexidade de trabalhar letramento e alfabetização juntamente, pois, tem-se trabalhado apenas a alfabetização, como é visto nas escolas brasileiras, apenas o ensino do “eu sei escrever meu nome”, fazendo com que as pessoas não tenham a capacidade de compreender melhor o meio social, meio este ligado diretamente ao letramento.

Embora uma pessoa leia o que está escrito em um anúncio, essa não irá compreender a que se refere com precisão (interpretar) o mesmo, levando em consideração o sentido da alfabetização, mas o letramento possibilita um entendimento de significação, pois somente o letramento possibilita um aprendizado do meio social. A alfabetização proporciona ao cidadão um conhecimento estrito e reduzido, enquanto o letramento promove ao indivíduo a participação significativa de eventos de letramento, como Esteves (2012) afirma- com ideias parecidas a de Marcuschi (2001)-,

Por isso é tão importante que a alfabetização tenha passado a ser pensada a partir da perspectiva do letramento, na qual ela não fica mais restrita à aprendizagem da língua enquanto código escrito, mas o aprendiz é levado a vincular essa aprendizagem aos usos efetivos em sua vida cotidiana (SIGNORINI, 2001, p.7-9). Porque um indivíduo letrado é aquele que envolve as mais diversas práticas da escrita na sociedade e pode ir desde uma apropriação mínima da escrita, tal como o indivíduo que é analfabeto, mas letrado na medida em que identifica o valor do dinheiro, identifica o ônibus que deve tomar, consegue fazer cálculos complexos, sabe distinguir as mercadorias pelas marcas etc. Mas não escreve cartas nem ler jornal regularmente, até uma apropriação profunda, como no caso do indivíduo que desenvolve tratados de Filosofia ou escreve romances. O profissional dessa modalidade de ensino deve conciliar a realidade, os conhecimentos adquiridos pela vivências desses alunos, com o seu aprendizado em sala de aula se baseando neles pra planejar uma aula em que esse aluno possa se identificar, gostar e aprender da melhor forma possível, isso melhora a autoestima do aluno porque o faz perceber sua importância e o seu papel no caminho para a uma aprendizagem significativa (ESTEVES, 2012, p.11).

Uma aliança imprescindível

É importante uma reflexão sobre como “alfabetizar”, para que seja possível tornar a aprendizagem mais significativa. Freire (1996) explana em sua obra *Pedagogia da Autonomia* (1996) que,

o sujeito quanto mais amplia sua visão de mundo, mais se liberta da opressão, ou seja, o sujeito letrado que já possui seus conhecimentos prévios, com um determinado ponto de vista, quando alfabetizado, pode modificar seus pensamentos, ampliando-os de forma que passa a refletir criticamente sobre a prática social (FREIRE, 1996, *Aput* DIOGO e GORETTE, 2011, p. 12197).

Assim sendo, o letramento e a alfabetização não devem ser divididos como ensinamentos independentes, devido ao fato de que são eles que irão desenvolver o pensamento crítico dos alunos. A alfabetização é apenas um “melhoramento” do letramento, ou seja, ao se inserir em um ambiente de alfabetização o indivíduo vai preparar-se criticamente. Nessa concepção, o educador tem papel importante ao criar essa possibilidade para o estudante.

Para Freire (1996, p.14, *Aput* DIOGO e GORETTE, 2011, p. 12197) “[...] percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”.

Portanto, a aliança entre alfabetização e letramento torna-se notório, como afirmam Diogo e Gorette (2011),

Alfabetizar letrando é uma prática necessária nos dias atuais, para que se possa atingir a educação de qualidade e produzir um ensino, em que os educandos não sejam apenas uma caixa de depósito de conhecimentos, mas que venham a ser seres pensantes e transformadores da sociedade (DIOGO e GORETTE, 2011, p. 12198)

O que podemos perceber é que o ato de alfabetizar tem tido muito mais importância a “educar letrando”. Isto se comprova (não que estejamos criticando o objetivo, mas sim a forma de pensar-se nesse objetivo) na meta do Plano Nacional de Educação (PNE), que propõe a erradicação do analfabetismo até meados de 2024, o qual diz na meta 9º que pretende

Elevar a taxa de alfabetização da população com 15 (quinze) anos ou mais para 93,5% (noventa e três inteiros e cinco décimos por cento) até 2015 e, até o final

da vigência deste PNE, erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional (PNE, meta 9º, 2014).

Mas, ao querer combater o analfabetismo, o governo se esquece da importância de pensar em uma alfabetização libertadora e crítica (FREIRE, 1987, *apud* DREYER, 2011). Este método de erradicação é forçosamente uma educação para desenvolver a competência linguística dos indivíduos, assim, eles estarão aprendendo a ler, escrever, codificar e decodificar os códigos linguísticos. No entanto, não terão capacidade de interpretações e inferências dos textos produzidos ou lidos, competência cognitiva. Ao primeiro podemos chamá-lo de conhecimentos manuais, já o segundo podemos chamá-lo de competência funcional.

Até então, o ato de alfabetizar tem se reduzido a ensinar o código da escrita, mas quanto ao tocante de educar de forma consciente e crítica, tem falhado. Como os indicadores têm mostrado. Em uma matéria publicada em Gazeta do Povo (2019), que trata justamente sobre os dados da alfabetização, é mostrada a falha da educação brasileira ao cerne do ato de alfabetizar. Mesmo que as taxas tenham aumentado, no que diz respeito ao número de alfabetizados, a taxa de pessoas alfabetizadas e que não sabem interpretar o que lêem ainda é alta (analfabetismo funcional).

Segundo a matéria do veículo de comunicação Gazeta do Povo (2019),

O Brasil tem 11,3 milhões de analfabetos, uma taxa de 6,8% de pessoas acima dos 15 anos que não sabem ler ou escrever. O país reduziu o analfabetismo, mas não na velocidade esperada: ainda não alcançou a meta do Plano Nacional de Educação para 2015, que era baixar o índice para 6,5%, a fim de erradicar o analfabetismo até 2024 (GAZETA DO POVO, 2019).

No entanto, mesmo que o Brasil tenha chegado a um resultado médio de alfabetização, em contramão temos um índice agravante quanto ao analfabetismo funcional. O mesmo veículo, Gazeta do Povo (2018), mostra alguns dados alarmantes no que diz respeito à taxa de pessoas que sabem ler e não escrever. O veículo afirma que "apenas 8% da população entre 15 e 64 anos é plenamente capaz de entender e se expressar corretamente".

Sem dúvida, isto é um agravante na educação do Brasil. Pois se tem seguido ao pé da letra a diretriz do PNE, onde não aborda dentro das estratégias de erradicação de analfabetismo um ensino de letramento.

Obviamente, o que tem acontecido é que a alfabetização não tem sido problematizadora, e uma educação dessa forma somente é possível dentro de um contexto de letramento. Freire (1987, *apud* DREYER, p. 3593) entende como educação problematizadora aquela "de caráter autenticamente reflexivo, implica num constante

ato de desvelamento da realidade [...] busca a emersão das consciências, de que resulte sua inserção crítica na realidade”.

Assim sendo, este tipo de educação é imprescindível para uma educação de letramento, pois somente esta é capaz de erradicar os dados alarmantes apresentados.

Pois como podemos analisar, os dados nos mostram que há uma incisiva luta pela alfabetização, mas não se tem lutado para que essa educação forme cidadãos de capacidades intelectuais adequadas para criticar e refletir sobre determinado assunto. Tornando-se pessoas “leitoras”, porém não entendedores, posto que a educação não tem levado o aluno a relacionar-se com o mundo no momento que passa pela alfabetização. Como afirma Dreyer (2011),

quanto mais se articula o conhecimento frente ao mundo, mais os educandos se sentirão desafiados a buscar respostas, e conseqüentemente quanto mais incitados, mais serão levados a um estado de consciência crítica e transformadora frente à realidade. Esta relação dialética é cada vez mais incorporada na medida em que, educadores e educandos se fazem sujeitos do seu processo (DREYER, 2011, p. 3594).

Assim sendo, uma coisa importante ao ato de alfabetizar em ambiente de letramento (pois vivemos em um ambiente propício ao letramento) é a inserção do educando no seu próprio contexto social, o que não tem sido trabalhado no processo de alfabetizar.

É imprescindível uma educação que ao mesmo tempo em que uma pessoa aprende a decodificar nosso sistema de escrita possa, também, tirar ideias e relacioná-las ao seu contexto de vivência. Como afirma Dreyer (2011, p. 3600), “o alfabetizar não é aprender a ler e escrever através de repetição de palavras, mas sim dizer sua palavra criadora de sua própria cultura”.

Além disso, a mediação precisa ser recíproca e acolhedora, para que o educando esteja sempre ambientalizado a um contexto que ele, o educando, tenha conhecimento. Como afirma Freire (1987, *apud* DREYER, 2011, p. 3600), “ninguém ensina nada a ninguém e ninguém aprende nada sozinho”, e em relação a esta frase, Dreyer (2011) afirma que

ele diz que só se aprende consociando uns com os outros, liderizados pelo mundo que nos cerca, isto é, somos capazes de ensinar para os adultos e para as crianças se formos capazes de aprender, sendo um professor disposto a buscar o novo, aprender todos os dias, e não aquele que acha que sabe (DREYER, 2011, p. 3600).

Considerações finais

É notório a complexidade de definir, ou concluir, como abordar de forma clara o método de trabalho do letramento e a alfabetização, tendo como separá-los de forma concisa quanto às suas especificidades. Sendo que as pesquisas até o momento são insuficientes para atingir profundamente os termos em discussão.

No entanto, separar a alfabetização e o letramento deve ser entendido, portanto, como um erro, pois a entrada da criança no universo da escrita acontece ao mesmo tempo nesses dois processos: aprendizagem da escrita e desenvolvimento da leitura e escrita. Os dois processos são simultâneos, já que a alfabetização não antecede o letramento, porém, entendemos que possuem naturezas distintas.

É sumariamente importante que a educação esteja propícia para a formação de cidadãos críticos. Para isso é necessário que os educadores estejam cientes da função social que eles possuem ao entrar em uma sala de aula. Sem sombras de dúvidas, se o educador tiver práticas educacionais que incentivem os educandos ao pensamento crítico, os alunos estarão passando por um processo de alfabetização simultânea, sendo assim, o letramento.

O professor deve entender que o aluno não é passivo, este vem com conhecimentos culturais vivenciados ao longo de sua vida. Com isto queremos elencar que o professor deve entender essas vivências e fazê-las um objeto propício para “alfabeletrar”. Pois o letramento não está fora do contexto de vida do educando, como afirmam Pisoni e Coelho (p. 151) “é um erro pensar a educação como algo deslocado da vida cotidiana”.

A então mencionada Magda Soares é de valor indiscutível para os estudos até agora sobre o letramento e a alfabetização, trazendo conceitos e formas metodológicas para o melhor letramento dos indivíduos. Pensadora que até então tem influenciado gerações, juntamente com o citado Paulo Freire, considerado um exemplo na acepção da alfabetização, autor importante para o pensamento pedagógico e social da educação brasileira, um grande representante da pedagogia em contexto nacional e internacional.

Em resumo, acreditamos, portanto, que é possível chegar a uma alfabetização, em conjunto com o letramento, de qualidade em nossa sociedade, com práticas metodológicas eficientes que possam abranger os dois conceitos e, assim, o sujeito estará apto para ser autor de suas transformações.

Referências

- ARAÚJO, Edmilsa Santana De; CARVALHO, Adriana Da Conceição; SOARES, Aldeny Eliseu. **ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA VISÃO DE PAULO FREIRE**. Editora Realize, 2013. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_0721f167b554939018b948ecd8443cdf.pdf>. Acesso em: 23 julho 2019.
- ALMEIDA, Vanessa Fulaneti; FARAGO, Alessandra Corrêa. **A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NAS SÉRIES INICIAIS**. Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro-SP, 1 (1): 204-218, 2014. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074426.pdf>>. Acesso em: 28 maio 2018.
- BRASIL. **Plano Nacional de Educação** - PNE/Ministério da Educação. Brasília, DF: INEP, 2014. Disponível em: <<http://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014#multimedia>> Acesso em: 24 de julho 2019.
- COELHO, L.; PISONI, S. **Vygotsky: sua teoria e a influência na educação**. Revista Modelos-FACOS/CNE C, Osório, v. 2, n. 1, ago. 2012. Disponível em: <http://facos.edu.br/publicacoes/revistas/e-ped/agosto_2012/pdf/vygotsky_-_sua_teorica_e_a_influencia_na_educacao.pdf>. Acesso em: 25 de junho de 2019.
- DIOGO, Emilli Moreira; GORETE, Milena da Silva. **Letramento e Alfabetização: Uma Prática Pedagógica de Qualidade**. I seminário de representações sociais, subjetivas da educação-SIRSSE. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/5806_2767.pdf> Acesso em: 24 maio 2018.
- ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO. **Diferença**. Disponível em <<https://www.diferenca.com/alfabetizacao-e-letramento/>>. Acesso em: 27 maio 2018.
- DREYER, Loiva. **ALFABETIZAÇÃO: O OLHAR DE PAULO FREIRE**. I seminário de representações sociais, subjetivas da educação-SIRSSE, 2011. Disponível em: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2011/5217_2780.pdf> Acesso em: 24 julho 2019.
- ESTEVES, Maria Mara Teixeira. **A Alfabetização e o Letramento na Educação de Jovens e Adultos**. Teresina, PI: Universidade federal do Piauí-UFPI, 2012. Disponível em: <http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/1212eee0f0b15545ebbb586217370e7f_2025.pdf> Acesso: 18 julho 2019.
- GAZETA DO POVO. "**Analfabetismo funcional é resultado de ausência de políticas públicas**". Veículo de comunicação. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/analfabetismo-funcional-e-resultado-de->

[ausencia-de-politicas-publicas-cfawiypv9sm9alpw4xebuj0u/](#)> Acesso em: 14 junho 2019).

GAZETA DO POVO. “A taxa de analfabetismo no Brasil”. Veículo de **comunicação**. Disponível em <<https://infograficos.gazetadopovo.com.br/educacao/taxa-de-analfabetismo-no-brasil/>> Acesso em: 14 de junho 2019.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984

MARTINS, Edson; SPECHELA, Luana Cristine. **A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO NA ALFABETIZAÇÃO**. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia das Faculdades OPET – ISSN 2175-1773 Julho de 2012. Disponível em: <<http://www.opet.com.br/faculdade/revista-pedagogia/pdf/n3/6%20ARTIGO%20LUANA.pdf> >.

Acesso em: 27 maio 2018.

MARCUSCHI, Luíz Antônio. (2001) **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 2. ed. São Paulo: Cortez. 133p.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Revista Brasileira de educação. Rio de Janeiro, 2004. Disponível

em:<<http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbedu/n25/n25a01.pdf>> Acesso em: 25 maio 2018.

_____. **Alfabetização e letramento**. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2007.